
Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade do Estado do Pará

Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. V.18 N.36 / 2023. p. 1-16

ISSN: 2237-0315

Educação na Cibercultura: do Novo Humanismo ao Humanismo Digital

Educación en Cibercultura: del Nuevo Humanismo al Humanismo Digital

Elisabete Cerutti

Fernando Battisti

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

Frederico Westphalen -Brasil

Resumo

O estudo tem como objetivo aprofundar o diálogo sobre as conexões entre a educação e a cibercultura, a partir das relações entre Cibercultura, Novo Humanismo e Humanismo Digital. Além disso, o trabalho desenvolve um olhar sobre as relações do Humanismo Digital no contexto sociocultural e educacional, tendo em vista a complexidade como alternativa para a proposição de uma base epistemológica no agir pedagógico. Entende-se que a preocupação oriunda de uma base epistemológica no contexto digital proporciona a ampliação das possibilidades de compreensão dos processos educativos no contexto de Cibercultura. Com base nas reflexões sobre o “Humanismo Digital”, é possível redimensionar os processos educativos na Cibercultura fundamentados em uma compreensão epistemológica nos processos de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: Cibercultura; Humanismo Digital; Novo Humanismo

Resumen

Este estudio tiene como objetivo profundizar el diálogo sobre las conexiones entre educación y cibercultura, a partir de la relación entre Cibercultura, Nuevo Humanismo y Humanismo Digital. Además, el trabajo desarrolla una mirada a las relaciones del Humanismo Digital en el contexto sociocultural y educativo, a partir de la complejidad como alternativa para proponer una base epistemológica en la acción pedagógica. Se entiende que la preocupación desde una base epistemológica en el contexto digital, brinda la ampliación de posibilidades para la comprensión de los procesos educativos en el contexto de la cibercultura. A partir de reflexiones sobre el Humanismo Digital, es posible redimensionar los procesos educativos en cibercultura a partir de una comprensión epistemológica del proceso de enseñanza y aprendizaje.

Palabras llave: Cibercultura; Humanismo Digital; Nuevo Humanismo

1. Introdução

O estudo da educação a partir do “Humanismo Digital” apresenta a necessidade de uma sustentação epistemológica nas práticas pedagógicas, diante das múltiplas vivências advindas do contexto de Cibercultura. Essa contextualização tem como característica a combinação contemporânea de novos tempos e espaços de aprendizado, sendo pertinente a ressignificação dos diferentes espaços, meios e fins do ato cognitivo.

Sendo assim, no presente estudo, procuramos refletir sobre as relações do “Humanismo Digital” e a Cibercultura no uso das tecnologias digitais nos ambientes de ensino e de aprendizado.

Primeiramente, a proposta é ampliar o diálogo de elementos ciberculturais do mundo híbrido e “fisital” em que os processos de ensino e de aprendizado suscitam ressignificar práticas pedagógicas. Posteriormente, analisar a concepção de “Humanismo Digital” frente ao entendimento de dimensões humanas, a partir da vivência cibercultural na perspectiva de Lévy. Também, para essa construção, realizamos o estudo das concepções de Ciberespaço e Inteligência Coletiva, visando a espelhar a relação do fazer humano pedagógico com o contexto em que a identidade do professor é concebida e construída no cotidiano. Em consequência, nos interrogamos sobre as inferências dessa vivência do Novo Humanismo diante ao “Humanismo Digital”, que se apresenta em o contexto contemporâneo educacional.

A partir de uma dinâmica de entendimento, no neologismo “Humanismo Digital”, compreendemos os desdobramentos do fazer pedagógico em que tempos e espaços educacionais são demarcados pela presença digital e, conseqüentemente, as relações que se originam nesse “espaço”. Essa vivência digital necessita ser compreendida, epistemologicamente, no fazer educativo. Isto é, além do entendimento de como se apresenta o “Humanismo Digital” e sua relação com a educação, é necessário desenvolver um sentido epistemológico para o agir pedagógico desse “Humanismo Digital”. Essa busca de sentido é permeada pelo fazer pedagógico, que considera o ato educativo contextualizado no “Humanismo Digital”, que tem como bases a Cibercultura e o Novo Humanismo.

Nosso estudo segue uma metodologia bibliográfica, com enfoque qualitativo, com revisão bibliográfica. A proposta é permeada pelo viés de compreensão da formação docente com as bases teóricas centrais do estudo de revisão da literatura de Pierre Lévy (2010) no sentido de compreensão da Cibercultura; Tapio Varis e Pérez Tornero (2012) como bases para pensar o Novo Humanismo; e Edgar Morin (2003) em relação ao viés da complexidade.

2. Educação no contexto da Cibercultura

A educação é inerente às transformações sociais, em especial, quando observamos as transformações tecnológicas junto à comunidade escolar. Vinculada a esse contexto social de Cibercultura e de complexidade das relações humanas, a educação, em seus diferentes níveis, nos faz repensar pedagogicamente os meios de construção e de consolidação das práticas pedagógicas. Para ampliar as possibilidades dessa análise é importante compreender a presença de uma relação muito forte da Cibercultura em espaços educacionais e nos questionar sobre essa relação.

Inicialmente, não é possível avançar na análise reflexiva sem fazer o resgate do termo Cibercultura, que em meio à complexidade, reflete pedagogicamente na educação, como um movimento que amplifica o sentido da educação, indo além do espaço sala de aula. Isso significa afirmar que a educação na Cibercultura demonstra novas esferas das práticas pedagógicas que irão dialogar em cada dia com uma vivência do estudante que vai além do espaço físico da aula.

Lévy (1999, p. 18) sobre a Cibercultura afirma que ela “[...] especifica o conjunto de técnicas (materiais e imateriais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

A Cibercultura, quando proporciona possibilidades de um mundo híbrido, faz com que o estudante vivencie uma realidade de diferentes interfaces, com um canal aberto de possibilidades em rede. Tais efeitos da Cibercultura são vivenciados, diariamente, no agir pedagógico docente que, por vezes, fica à mercê de todas essas transformações, pela sua fragilidade e dificuldade de entender como o fazer pedagógico irá trazer essa dinâmica da rede para as atividades didáticas em sala de aula.

Sendo assim, quando buscamos compreender a educação no contexto da Cibercultura, os questionamentos sobre as práticas pedagógicas e a organização didática escolar são temas cada vez mais frequentes, pois será possível uma desvinculação dessa dinâmica social da Cibercultura no agir educativo?

Essa apresentação da Cibercultura, em um mundo de conexões, emerge categoricamente no cotidiano escolar e, talvez, a resignificação que vem ocorrendo seja da necessidade de maior entendimento docente desse contexto sociocultural em que a comunidade educativa está envolvida, em que os sujeitos de aprendizagem estão inseridos.

Lévy (1999, p. 22) contribui: “é impossível separar o humano do mundo material, assim como dos signos e das imagens e dos signos por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo.” Eis aqui, também, um elemento a ser vislumbrado quando investigamos esse novo humanismo no enfoque educacional.

A questão da “inteligência coletiva” está projetada no que Lévy apresenta ser o “motor” da Cibercultura, sendo pertinente pensar a sistemática globalizante da existente sinergia entre competências, recursos e projetos. Nas palavras de Lévy (1999, p. 28): “É aqui que intervém o papel principal da Inteligência Coletiva, que é um dos principais motores da cibercultura”. E, ainda continua o referido autor, quando nos apresenta a relação dessa inteligência coletiva nos modos de estruturação de cenários e processos estruturais sociais: “[...] a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão opõem-se à separação estanque entre as atividades, à compartimentalização, à opacidade da organização social”. (LÉVY, 1999, p. 28)

As relações da educação com a Cibercultura trazem elementos que ressignificam o sentido humanitário das relações humanas nas suas diferentes apresentações, tempos e níveis de abrangência. Nesse sentido, é imprescindível compreender as implicações do Ciberespaço quanto à relação com os espaços de vivências dos diferentes conhecimentos em relação ao sentido de o Novo Humanismo.

3. Implicações do Ciberespaço ao Novo Humanismo

Diante das múltiplas e complexas relações que vão se estabelecendo na educação, o ciberespaço tem influenciado diretamente nas relações humanas. Por conseguinte, é possível compreender seu sentido mediante o “novo humanismo”. Conforme Tapio Varis e Pérez Torneiro (2012), é possível relacionar a ideia de Novo Humanismo na educação a partir da criação de uma sociedade inclusiva em que todos os seres humanos tenham oportunidade de adquirir conhecimento por meio de uma educação de qualidade.

Tendo em vista o ciberespaço presente no cotidiano social contemporâneo e sua influência na forma de agir, pensar e, principalmente, no relacionamento interpessoal é possível compreender que o “Novo Humanismo”, apresentado por Tapio Varis e Pérez Torneiro (2012), estaria alinhado à concepção de uma sociedade global, em que seria necessário dar prioridade e respeito à multiplicidade e à diversidade cultural apoiado por meio de um diálogo universal a partir de uma cultura de paz.

O sentido de um Novo Humanismo, na educação, pode ampliar multidisciplinarymente o sentido das reflexões sobre o agir pedagógico. Por exemplo, uma alfabetização midiática para ser alcançada precisa estar embasada em um pleno desenvolvimento individual do ser humano para poder desenvolver-se e ter autonomia no contexto midiático contemporâneo.

No entanto, as bases para entender a intercepção epistêmica entre o Ciberespaço e o Novo Humanismo têm na sua gênese o olhar sobre a pessoa humana, no que concerne às conexões que o espaço em rede proporciona no contexto educacional. Tapio Varis e Pérez Torneiro (2012, p. 20) afirmam que: “[...] y sto solo se conseguirá tomando base uma filosofía y un marco axiológico que coloquen a la persona humana – y su realización – en centro del sistema tecnológico, comunicativo, social y cultural. Es esa filosofía a la que denominamos nuevo humanismo”.

No entendimento do Novo Humanismo, é importante destacar que quando se quer pensar o Novo Humanismo, na perspectiva do ciberespaço, não podemos desconsiderar a presença axiológica e de valoração dos critérios que envolvem a dignidade humana. “Le llamamos *humanismo*, porque recoge, en lo esencial, los valores y principios de una corriente filosófica y moral” (VARIS; TORNEIRO, 2012, p. 20).

O que queremos evidenciar quando se fala nessa conexão do ciberespaço com o Novo Humanismo é que no contexto contemporâneo educacional é necessário compreender a humanidade que se apresenta também por meio das interfaces da rede e da ambiência digital sociocultural. Nas palavras de Tapio Varis e Pérez Torneiro (2012, p. 21). “[...] *nuevo porque se trata de ir más ala del recordatário a um passado y de uma metáfora renacentista. Lo que perseguimos es situar los valores de la dignidade humana em el contexto actual de lá sociedade del conecimiento*”.

Nesse sentido, é essencial compreender que ao conceber o Novo Humanismo no espaço em rede, não podemos deixar à margem da reflexão a necessidade de um olhar crítico filosófico com relação às tecnologias digitais, bem como a autonomia crítica diante do contexto de globalização. “Así pues, una conciencia mediática lúcida y un nuevo humanismo son, hoy por hoy, cuestiones inseparables” (VARIS; TORNERO, 2012, p. 48).

Dessa forma, as possibilidades de compreender a atividade pedagógica no ciberespaço têm ampliado a forma de pensar e projetar o estudo, com efeitos que se apresentam na comunidade escolar como um todo, em especial, no processo de formação

docente e da relação entre os sujeitos dos processos de ensino e de aprendizagem. O ciberespaço apresenta múltiplas interações e experiências, que, na composição de um novo humanismo, dialogam com o ato pedagógico.

Evidenciada a Cibercultura na vivência e ambiência social de constituição docente, infere pensar a pesquisa sobre os potenciais cognitivos do ciberespaço como ponto de apoio às reflexões pedagógicas contemporâneas que influenciam o Novo Humanismo. Nas palavras de Lévy (1999, p. 17) “O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão global de computadores”.

Em relação ao ciberespaço, são importantes a compreensão e a localização que precisamos entender do seu sentido na vida cotidiana. Segundo Lemos (2020), é possível entender o ciberespaço como o lugar onde estamos quando entramos em um ambiente de realidade virtual e também como um conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta, a Internet.

Dessa forma, é possível observar na educação, que tais influências socioculturais, interpessoais e sociais estão presentes na própria identidade docente e de sua prática pedagógica. Quando observamos a educação, no contexto de pandemia da COVID-19, é possível dimensionar diferentes tempos e espaços de ensino e de aprendizagem que foram demarcados por uma temporalidade de um ciberespaço.

Tais fatores evidenciam uma conexão digital que mudou o modo de agir, pensar e sentir as relações humanas. Essas mudanças foram sendo habitualmente parte de vivências em diferentes setores da sociedade, em que uma das consequências apresentadas é a maior conectividade das pessoas, sendo o acesso às informações e interação uma marca do ciberespaço, no qual os estudantes também fazem parte.

Em vista disso, ao estabelecer a reflexão sobre essas relações de reconstrução e de redefinições do ciberespaço no contexto educacional, é possível entender o Novo Humanismo redimensionado nas relações pedagógicas.

Pedagogicamente, entendendo a educação nos seus diferentes níveis como uma construção que, também, é sociocultural na vivência do ato de ensino e aprendizado, podemos nos questionar sobre o sentido que o agir pedagógico ganhou quando o ciberespaço impulsiona um Novo Humanismo a partir de inúmeras possibilidades que a tecnologia digital, com um elemento ciberespacial, apresenta no seu “modo de interação global e local” na educação.

No que concerne às práticas educacionais, têm-se uma necessidade de compreender e experienciar como as possibilidades do ciberespaço podem ser usadas em sala de aula. A educação a partir do impulsionamento promovido pelo ciberespaço não é a mesma, os processos de ensino e de aprendizagem não são os mesmos, as experiências de cognição e construção sociocultural estão em constante transformação. O desafio de entendimento das múltiplas possibilidades que o Novo Humanismo apresenta ao fazer pedagógico, diante de um ciberespaço sem fronteiras, em que ocorrem diversos processos de mudança, como por exemplo, a desterritorialização do texto, pode ser basilar para as gerações atuais e futuras que nesses espaços estão e serão inseridas.

Conforme Lévy (2010, p. 147), é preciso compreender que tais vivências são marcadas pela ecologia cognitiva no contexto ciberespacial. Afirma Lévy (2010, p.147) que:

As técnicas agem, portanto, diretamente sobre a ecologia cognitiva, na medida em que transformam a configuração da rede metassocial, em que cimentam novos agenciamentos entre os grupos humanos e multiplicidades naturais tais como ventos, flores, minerais, elétrons, animais, plantas ou macromoléculas.

A questão da “inteligência coletiva” está projetada no que Lévy apresenta ser o “motor” da Cibercultura, sendo pertinente pensar a sistemática globalizante da existente sinergia entre competências, recursos e projetos. Nas palavras de Lévy (1999, p. 28): “É aqui que intervém o papel principal da Inteligência coletiva, que é um dos principais motores da cibercultura”.

A relação dessa inteligência coletiva está nos modos de estruturação de cenários e processos estruturais sociais. Assim, “[...] a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão opõe-se a separação estanque entre as atividades, às compartimentalização, à opacidade da organização social”. (LÉVY, 1999, p. 28)

Como uma das expressões do ciberespaço, a tecnologia digital, nesse sentido, está em diversos campos do conhecimento e reflete na vida do ser humano, podendo contribuir para os processos de ensino e de aprendizagem. Conceber pedagogicamente o uso das tecnologias digitais, como parte do ciberespaço, além de instigante se apresenta com uma das alternativas para compreender o Novo Humanismo, concebido por Tapio Varis e Torneiro (2012).

Em relação ao uso tecnológico, Marcovitch (2002) salienta que a tecnologia de informação é um instrumento fundamental para o avanço e disseminação do conhecimento. O referido autor, também, descreve que o surgimento de tecnologias cada vez mais sofisticadas e a revolução digital estão concatenados às inovações tecnológicas, por exemplo, no ensino de nível superior.

Basilarmente, quando nos propomos a ampliar esse debate no campo prático do fazer pedagógico, é presente um desafio que envolve uma dificuldade pragmática de concepção do uso das tecnologias digitais como ferramentas que possibilitam o aprendizado. Não estaríamos aqui, em face de uma necessidade de compreensão epistemológica do uso das tecnologias digitais na educação? Será possível utilizar tecnologias digitais da mesma forma como se utilizou o “quadro e giz”, historicamente, ou será necessário compreender que o ciberespaço necessita ser contextualizado diante de um Novo Humanismo no fazer pedagógico?

Mediante aos questionamentos de uma compreensão mais profunda da educação contemporânea e dos processos que envolvem o fazer educativo, é preciso ter como base a ideia inicial de que a utilização de ferramentas tecnológicas, de forma corriqueira e desenfreada, na qual os sujeitos não buscam conhecimento apenas informações, que lhe são necessárias em um determinado momento, devem ser repensadas.

Também, pedagogicamente as tecnologias digitais não podem ser concebidas como mais um instrumento pedagógico que o professor pode utilizar, pois o ciberespaço promove diferentes caminhos a todo tempo. Mentalmente, esse proporciona novas sensações e emoções aos seus usuários em rede.

Ao repensar as possibilidades do ciberespaço, em sua obra sobre as tecnologias da Inteligência, Lévy apresenta as relações entre as tecnologias intelectuais e a denominada subjetividade fractal, sobre o qual lê-se:

As tecnologias intelectuais situam-se fora dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre minha mesa ou este livro em suas mãos. Mas elas também estão entre os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana. Ao conectar os sujeitos, interporem-se entre eles, as técnicas de comunicação e de representação estruturam a rede cognitiva e contribuem para determinar suas propriedades. (LÉVY, 2010, p. 176).

Ainda, Lévy (2010) chama atenção para o enclausuramento dos espaços educativos ante essa nova realidade e entende a sociedade atual como um local em movimento constante, em

que as relações ou as interconexões que a Universidade estabelece com a diversidade de outras práticas sociais, ainda, são frágeis e passivas.

Em consequência de uma sociedade em que o conhecimento em rede e colaborativo se torna cada vez mais contínuo e valorizado, voltamos nossos pensamentos e pesquisas para os paradigmas que regem a educação. Compreende-se que a sala de aula não é o único lugar onde ocorre a aprendizagem e que a comunicação pode proporcionar, através de variados meios, a formação de diferentes ambientes de aprendizagem e uma maior participação dos alunos nas relações de ensino. Para Bacich e Moran (2018, p. 104), “entendemos que novas maneiras de ser ressignificam e ampliam até mesmo a ideia de conhecimento entre o sujeito e objeto do conhecimento ressignificam até mesmo a ideia de conhecimento”.

Além disso, sobre a configuração de espaços em rede, tem-se o sentido das interfaces em relação à questão do conhecimento, sobre o qual Lévy (2010, p. 185) afirma: “Em oposição às metafísicas com espaços homogêneos e universais, a noção de interface nos força pelo contrário a reconhecer uma diversidade, uma heterogeneidade do real perpetuamente reencontrada, produzida e sublinhada, a cada passo e tão longe quanto se vá”. Para o autor, as particularidades técnicas do ciberespaço, ou seja, das redes digitais, permitem que os “membros de um grupo humano se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários” (LÉVY, 1999, p. 49).

Nesse sentido, o docente, por exemplo, no uso das ferramentas tecnológicas, precisa desenvolver, em seu planejamento de aula, uma visão crítica de que não basta “manusear” a tecnologia, é necessário ter o discernimento de ir além de uma visão instrumental da mesma, pois o ciberespaço vai além do espaço físico em que os sujeitos vivenciam aqueles processos de ensino e de aprendizado.

Nesse sentido, Coll e Monereo (2010, p. 31) *apud* Bacich e Moran (2018, p. 133) questionam as técnicas por vezes presentes no cotidiano escolar, no qual, lê-se: “a imagem de um professor transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos guardião do currículo, começa a entrar em crise em um mundo conectado por telas de computador”.

Sendo assim, quando se opta por desenvolver uma prática educacional, com tecnologias digitais, é preciso compreender o uso intencional de o ciberespaço no fazer pedagógico. Essa intencionalidade possibilita uma mentalidade de construção de um planejamento de aula que possibilita métodos inovadores e encontra possibilidades para alavancar a aprendizagem dos

estudantes e contrapõe com os métodos históricos e tradicionais, em que o professor é um mero transmissor e parte central das aulas. O viés de entendimento do ciberespaço perpassa por essa intencionalidade pedagógica do seu uso, em que os elementos do planejamento e do desenvolvimento da prática pedagógica vão sendo configurados.

Desconsiderar essa dinâmica ciberespacial pode levar a uma incontável relação com as tecnologias digitais ou, até mesmo, uma inevitável negação de sua compreensão e possibilidade educacional. O Novo Humanismo, quando repensado na conjuntura de uma sociedade conectada em rede, emerge uma nova configuração no jeito de compreender as relações humanas, os diferentes ambientes e espaços educativos.

Portanto, no ciberespaço não existiriam limitações estruturais, como se fosse um universo de navegação instantâneo e reversível (LEMOS, 2020). Diante de as relações apresentadas a partir do ciberespaço e o resgate do sentido de um Novo Humanismo, no processo educativo, como uma representação conceitual, nos propomos a entender o que chamamos de “Humanismo Digital”.

3.1 Educação e Cibercultura: De um Novo Humanismo para um Humanismo Digital?

Notoriamente, o contexto de Cibercultura, vivenciado a partir de uma necessidade de entendimento do ciberespaço e do Novo Humanismo, dimensiona e ressignifica um novo sentido humanitário e educacional nas suas diferentes apresentações, tempos e níveis de abrangência contemporâneos. Estamos diante de um neologismo que denominamos de “Humanismo Digital” e está presente nos diferentes níveis e contextos de construção das dimensões humanas. O Humanismo Digital, a partir do “Novo Humanismo” e do redimensionamento tempo/espacial, promovido pelo ciberespaço, é vivenciado socioculturalmente na Cibercultura. Ele é uma realidade que precisa ser entendida diante da complexidade do mundo híbrido, em que o físico e o digital estão interligados e influenciam em diversas questões humanas, em especial, no ato cognitivo humano.

Como fruto de uma construção sociocultural, propomos pensar que a partir da relação ciberespaço e no Novo Humanismo estabelecemos socialmente esse “Humanismo Digital”, dentre as possibilidades de analisar as relações humanas e suas complexidades. Morin (2002) nos apresenta filosoficamente a teoria da complexidade. Com base em o viés da complexidade podemos ampliar as possibilidades de entendimento do humano que está imerso em uma vivência cibercultural.

A relação com as bases da complexidade é, também, ponto de convergência para nos processos de ensino e de aprendizagem entender a necessidade de uma base epistemológica que, a partir das diferentes dimensões humanas, das questões locais e globais, amplie o diálogo de como compreender, epistemologicamente o “Humanismo Digital”. Ao entender em complexidade e não meramente racionalidade a educação, ampliamos o fazer pedagógico no uso das tecnologias que não é limitado a critérios meramente técnicos ou homogêneos na compreensão do ato cognitivo e vivencial de aprendizagem.

O “Humanismo Digital”, no processo de sua constituição e existência, envolve a complexidade. Os elementos humanitários dessa concepção são apresentados por Morin. Em tempo, não iremos esgotar a teoria da complexidade e, sim, apresentar elementos que podem ser bases para o desenvolvimento epistemológico da educação diante de o “Humanismo Digital”.

O ser humano é um ser racional, mas não se resume a essa racionalidade, precisando ser visto na sua complexidade, o que é de fundamental importância para a prática vivencial ao qual o indivíduo está inserido. Ou seja, é preciso que seja possibilitado um posicionar-se frente à realidade, em que o indivíduo está inserido. Esse posicionar-se está relacionado com a abertura para o novo, como afirma Morin (2001, p. 30): “[...] é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo”.

Transpõem-se, também, nesse viés de reflexão, as perspectivas da incerteza e da curiosidade, do mesmo modo a visualização do ser humano em sua complexidade. A contextualização do conhecimento e o caráter multidimensional do agir humano possibilitam a visualização do aprendizado com a vivência no mundo, que, segundo Freire, tem por base o aproveitamento dos saberes e das vivências dos estudantes.

Em sua teoria, Morin (2001) identifica a importância de repensar a construção do conhecimento, tendo por referência o contexto global e complexo para mobilizar o que o homem conhecedor sabe do mundo. Nesse intuito, o “Humanismo Digital”, se reinventa nas complexas relações ciberculturais.

Em essa perspectiva, sendo compreendido em complexidade, poderemos entender o estudante que vivencia processos diferentes de tempo e de espaço de aprendizado, de

comportamento e de atitudes. Não é possível desconsiderar a complexidade humana que perpassa o mundo da vida do estudante, como parte de esse “Humanismo Digital”.

O que é necessário entender, no processo educacional, é que não podemos negar a existência de esse “Humanismo Digital” na educação contemporânea. Pelo contrário, é preciso compreendê-lo e entendê-lo cada vez mais, para que o sentido do fazer pedagógico se estabeleça concatenado à realidade do estudante enquanto elemento de transformação e mudança. Educar no Sec. XXI é educar a partir do “Humanismo Digital”, espaço em que as redes dialogam, os sujeitos interagem e aprendem.

Como possibilidade pragmática de essa compreensão, podemos observar o desafio de desenvolvimento de uma autonomia do estudante, no qual, na concepção docente têm-se a inversão histórica de um papel atribuído ao docente ao longo da história da educação, que é de transmissão. Ao estar diante do “Humanismo Digital” e permitir durante o ato pedagógico diferentes espaços de partilha de recursos, informações comuns e, principalmente, para toda troca de ideias e estímulo ao trabalho cooperativo, o docente em esse contexto do ciberespaço, amplifica a vivência pedagógica que tem por base as múltiplas dimensões na construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, é preciso que durante o processo de formação docente sejam compreendidas as dimensões ciberculturais das diferentes tecnologias e não somente como usá-las. Isso implica afirmar que a ideia de utilização como capacitação pode amplificar uma instrumentalização do ciberespaço. Diante de o “Humanismo Digital”, o uso das tecnologias digitais é parte de um ecossistema de complexas relações humanas. Ao aplicar uma metodologia de causa e de consequência, pautada na racionalização de processos de aprendizado ou de mera numerificação e operacionalização de processos, as dimensões que estão presentes no “Humanismo Digital” são desconsideradas.

Notoriamente, as tecnologias digitais, diante de um “Humanismo Digital” recorrente, vivenciado no ciberespaço, vêm ganhando força nas Instituições e os docentes, frente às novas tecnologias de informação e de comunicação, encontram-se angustiados com o impacto que essas mudanças podem causar nos processos de ensino e de aprendizagem. É preciso compreender as transformações do mundo, produzindo conhecimento pedagógico sobre a tecnologia. Sociedade da informação, era da informação, sociedade do conhecimento, era digital, sociedade da comunicação e muitos outros termos são utilizados para designar a sociedade atual. Tem-se a percepção de que todos esses termos estão querendo traduzir as

características mais representativas e de comunicação nas relações sociais, culturais e econômicas de nossa época (SANTOS, 2012, p. 2).

Nessa perspectiva, o “Humanismo Digital” pode ser vivenciado no ciberespaço por meio de múltiplas formas de interação humana e compreendido na relação com o Novo Humanismo, com base em a complexidade humana. Como uma representação contemporânea e de caráter emergente, dinâmico e interativo, o “Humanismo Digital” passa a ser compreendido em uma dinâmica que envolve um olhar epistemológico para as práticas educacionais.

4. Considerações Finais

A educação que busca pela humanização dos sujeitos deve voltar seu olhar para a importância da relação dialógica, isto é, de uma construção no processo de aprendizagem pautada na valorização da construção que o educando tem ao longo de sua vida. A perspectiva dialética como uma visão que envolva os conhecimentos do educador, bem como a construção que o estudante tem na sua vida.

Ao buscar compreender o “Humanismo Digital”, entendemos a educação não como parte de um processo de mudança da humanidade, mas como tecido sociocultural dessa humanidade. É preciso que seja desenvolvido um processo pedagógico que oriente a utilização das tecnologias digitais diante da complexa relação estabelecida socialmente entre o ciberespaço e o sentido humanitário axiológico de sua utilização.

Dessa forma, temos a proposta de que a construção educacional ocorra, tendo como norte o entendimento do “Humanismo Digital”. Um olhar de vivência humana, que pode ser entendido a partir da intersecção de três conceitos fundamentais: Cibercultura, Novo Humanismo e Complexidade. O “Humanismo Digital”, como forma de vivência sociocultural, ao ser entendido, despertará para um olhar diferenciado do processo de formação docente, em que ensino e aprendizagem fomentam o desenvolvimento de competências e habilidades para que respondam às novas vivências humanas, no contexto de um mundo híbrido (físico e digital).

Educar é interrogar-se sobre os fins que almejamos, sobre o valor dos acontecimentos e sobre as possibilidades do agir. Portanto, a compreensão do “Humanismo Digital” provoca o despertar dos fundamentos que dão suporte epistemológico ao processo de formação humana. O discernimento sobre as possibilidades do “Humanismo Digital”, no contexto educacional contemporâneo, tem seu sentido a partir dos fundamentos filosóficos, quanto

ao sujeito pedagogicamente ativo. A compreensão do “Humanismo Digital” tem por base o Novo Humanismo, contexto de Cibercultura e complexidade humana. Essa compreensão também dialoga com a realidade contemporânea e com os contrastes alicerçados na complexidade das relações humanas no contexto de cibercultura, frente ao mundo digital.

O “Humanismo Digital” possibilitará uma reconstrução do processo de formação educacional, um aperfeiçoamento contínuo da práxis pedagógica e o necessário enriquecimento intelectual do processo educativo. Dessa forma, embasados na teoria e na prática, os fundamentos do “Humanismo Digital” interpõem a concepção de formação integral do estudante, demonstrando os caminhos para que ele possa conhecer-se e vivenciar o mundo cibercultural em seu entorno sociocultural.

A partir das concepções de Varis e Tornero (2012), o sentido de um Novo Humanismo é contextualizado e remete a repensar o sentido formativo docente diante do novo discente, mas que é fruto de um contexto de disrupções intensas da sociedade global e conectada. O Novo Humanismo requer um profissional que guie suas práticas docentes, não deixando para trás as vivências já consolidadas ao longo de sua formação, no entanto que entenda a dinâmica que os novos tempos desafiam de educar no contexto contemporâneo.

Em vista disso, a proposição de estudar a intencionalidade pedagógica, diante do potencial cognitivo do ciberespaço apresentado por Lévy (2010), é importante ressaltar que o preparo dos docentes para a utilização de mídias e objetos digitais como materiais didático-pedagógicos ainda é insipiente. Logo, os recursos tecnológicos, por si mesmos, não trazem nenhuma garantia de transformação significativa na educação, contudo a importância da melhoria do trabalho docente, sendo uma possibilidade que facilita a prática do mesmo.

O ciberespaço, enquanto possibilidade cognitiva, está apresentado e vivenciado no contexto de Cibercultura pelos docentes e discentes, sendo constante o desafio do repensar, epistemologicamente, as vivências pedagógicas pautadas em metodologias demarcadas pelo uso restrito de recursos e possibilidades didáticas. Educar na atualidade perpassa por ressignificar o sentido e universo do saber, no qual o ciberespaço se faz presente, sendo necessário ser pensado didaticamente.

Ao professor cabe o desafio de acompanhar as evoluções tecnológicas, adequá-las com criatividade às aulas, contribuindo com a objetivação da didática e compatibilizando-a com os desafios da inserção de artefatos e outros recursos na educação. Há necessidade de preparação adequada dos profissionais da educação na área do uso das tecnologias em sala de aula, visando

ao caráter didático das informações contidas nas mídias e as novas competências exigidas pela sociedade. Esse desafio caminha com o sentido e com o fazer pedagógico contemporâneo, em que a intencionalidade pedagógica denota os caminhos do ensino e aprendizado no ciberespaço.

Por fim, pode-se dizer que a pesquisa apresentada comunga das potencialidades no fazer docente, em que o espaço em redes, as vivências educacionais de docentes e discentes são projetadas diante do contexto de cibercultura, sendo ímpar a necessidade constante da perspectiva epistemológica no ambiente educacional.

Referências

BACICH, L. MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**/ Pierré Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCOVITCH, J. A informação e o conhecimento. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 3-8, out./dez. 2002.

MORAN, J. MASETTO, M. T., Behrens, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Ver. Atual. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a Educação do Futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

MORIN. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SANTOS, J. **Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

VARIS, Tapio. TORNERO, José Manuel Pérez. **Alfabetización Mediática Y Nuevo Humanismo**. UNESCO, Barcelona, 2012.

Sobre os autores

Elisabete Cerutti

Possui Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2004), graduação em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2001). Professora titular desta Universidade, atuando na Graduação (desde 2006) e no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEduc (desde 2015). É líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Tecnologias - GPET/URI, membro dos Grupos de Pesquisas: ARGOS /PUC - RS e NEPPES/URI. Atua desde setembro de 2014 como Diretora Acadêmica da URI. E-mail: beticerutti@uri.edu.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3467-5052>

Fernando Battisti

Doutorando em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Mestrado em Educação pela URI - FW, Pós-graduação em Tecnologias e Educação a Distância - Faculdade de Educação São Luis- FESL(2020), Especialista em Práticas Interdisciplinares com Ênfase em História e Geografia pela Faculdade de Ciências Sociais de Florianópolis - CESUSC (2011), Pós- graduação em Docência no Ensino Superior, em nível de Aperfeiçoamento (URI), Graduação em Filosofia pela URI. Gestor do Câmpus Polo EaD da URI. E-mail: fernando@uri.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6808-4595>

Recebido em: 17/12/2022

Aceito para publicação em: 28/03/2023